

19-02-2020

Saúde do Empreendedor ou do Trabalhador?!

Paulo Victor R. de A. Lira

[Sanitarista Cerest Estadual Pernambuco. Mestre em Saúde Pública]

Diria que é impossível que algum leitor deste breve texto não tenha tido acesso em momentos de sua vida a trabalhadores informais. O lanche na rua, a capinha de celular no camelô, o pedreiro contratado para um bico até os “recentes” trabalhadores de aplicativos (transporte, alimentação, supermercado...). A informalidade no mundo do trabalho brasileiro não é novidade, sendo traço constituinte de nossa realidade social - o bico -. Camelôs, pedreiros, eletricitas, trabalhadores rurais... constituíram e constituem parte deste “exército de trabalhadores informais” durante a formação do capitalismo dependente brasileiro.

Se, teoricamente, já houve tentativas de explicar esse movimento, em meados do século XX (teoria cepalina), como uma transição da condição de país subdesenvolvido para condição de país desenvolvido, onde as ocupações “informais” seriam apenas residuais, a explicação se distanciou da realidade e o subdesenvolvimento aparece como característica estruturante e necessária de nossa formação e na consequente participação do país na divisão internacional do trabalho.¹ Contemporaneamente, a condição de informalidade assume papel ainda mais destacado, e o que para muitos trabalhadores teria apenas um caráter de “provisoriamente”, assume o conteúdo de “permanência”. Não estamos aqui nos referindo apenas aos trabalhadores com pouca qualificação profissional. Recente matéria da Folha de São Paulo apresenta dados de aumento significativo de desemprego, desalento e inserção precária de trabalhadores com ensino superior completo.

Evidentemente que as frações menos qualificadas vão sendo “empurradas” a trabalhos ainda mais precários (Flagra; Cagliari, 2019). Outra determinação importante a ser elencada é que alguns desses trabalhos assumem participação direta no processo de “valorização do valor”, como exposto por Tavares (2004) ao evidenciar a essência da “nova informalidade”. Uma série de mudanças de cunho econômico, político, cultural e ideológico foi necessária a fim de constituir as relações sociais atualmente. Vale ressaltar que as mudanças no capitalismo contemporâneo alteram elementos em sua forma, mas mantém e, até mesmo, aprofundam a dinâmica de exploração da classe trabalhadora. A ideologia, em seu sentido negativo (Marx; Engels, 2009, p. 67), é expressa na análise:

“A classe que tem à sua disposição os meios para a produção material dispõe assim, ao mesmo tempo, dos meios para a produção espiritual, pelo que lhe estão assim, ao mesmo tempo, submetidas em média as idéias daqueles a quem faltam os meios para produção espiritual. As idéias dominantes não são mais do que a expressão ideal das relações materiais dominantes, as relações materiais dominantes concebidas como idéias...”

Dessa maneira a ideologia não é de modo algum apenas um “conjunto de idéias” ou uma “mentira”, mas um reflexo ideal das relações materiais de (re)produção, ou seja, é “falsa consciência” na medida que manifesta o interesse particular de uma classe (burguesa) como se este fosse universal. A “ideologia do empreendedorismo”, seja ela “*in natura*” ou “*social*”, está permeada por esta dimensão complexa, onde aparentemente é possível **que todos sejam empreendedores, seus próprios patrões** (o caráter de classe fica aparentemente ocultado). A aparente liberdade conquistada pelo “*status*” de empreendedor é logo posta em cheque. Antunes (2019, p. 16) ao tratar dos trabalhadores da Uber expõe a essência da relação:

“O caso mais emblemático é o da Uber, em que trabalhadores e trabalhadoras com automóveis próprios [...] arcam com despesas de previdência, manutenção de carros, alimentação etc., configurando-se como um assalariamento disfarçado de trabalho autônomo.”

Esse disfarce também repassa aos “empreendedores” as responsabilidades por questões relacionadas à segurança e saúde no trabalho, retira direitos trabalhistas e previdenciários, ou no máximo tenta realizar um processo de “formalização do informal” por meio do cadastro de Microempreendedor Individual (MEI). Os acidentes de trabalho, o adoecimento relacionado ao trabalho e principalmente o desgaste precoce da força de trabalho que apenas se manifestará em um quadro de adoecimento ou invalidez em “anos de vida precária” são as “mazelas” da suposta solução. Sobre essa desromantização do trabalho em aplicativos recomendo o curta-metragem “**Vidas Entregues**” do cineasta Renato Prata Biar. Essas são algumas expressões da questão da saúde dos trabalhadores nos dias atuais, determinações evidentes de um processo de flexibilização e precarização do trabalho, que já vêm ocorrendo há várias décadas no país, que assumem atualmente um caráter de maior intensidade na forma de ataques à classe trabalhadora.

O empreendedorismo não é solução para o desemprego, é a expressão da degradação de conquistas e mascaramento da identidade da classe trabalhadora numa tentativa de “frear” seu processo de consciência. As respostas a ele já são dadas e terão que ser ampliadas por meio da organização dos trabalhadores, já existem exemplos de greves e paralisações no Brasil e em outros países. Sem ilusões, assim poderemos ultrapassar os limites do tão propagado “empreendedorismo” e não pensaremos em uma “saúde do empreendedor” e sim na construção da saúde do trabalhador(a) em sociedade que tenha como finalidade a emancipação humana. ■■■

Citações e Referências

1 - Sugiuro a leitura da publicação “Dialética da Dependência” (Marini, 1973) disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marini/1973/mes/dialectica.htm>

■ Antunes, Ricardo. Proletariado digital, serviços e valor. In: ANTUNES, Ricardo (Org.). Riqueza e miséria do trabalho no Brasil IV: trabalho digital, autogestão e expropriação da vida. SP: Boitempo, 2019. Cap 1. p. 15-23.

■ Fraga, Érica; Cagliari, Arthur. Dobra o número de pessoas com faculdade sem emprego ou em trabalho precário. 2019. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/11/dobra-o-numero-de-pessoas-com-faculdade-sem-emprego-ou-em-trabalho-precario.shtml?fbclid=IwAR0JN6XZoM4ty0VNI-uT-5G-t66e0emsFenTpA_mbWBk6Dj35veLEqCLcM. Acesso em: 12 fev. 2020.

■ Marx, Karl. A ideologia Alemã. SP: Expressão Popular, 2009. 126 p.

■ Tavares, Maria Augusta. Os fios (in)visíveis da produção capitalista: informalidade e precarização do trabalho. SP: Cortez, 2004. 216 p.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.